



**A TERCEIRA FORMA DE CULTO EM M. LUTERO.
UMA PERSPECTIVA PROTESTANTE ACERCA DO LUGAR DE
PEQUENOS GRUPOS CASEIROS NA IGREJA CRISTÃ¹**

*The third way of worship in M. Luther. A protestant perspective about the place
of small home groups in the Christian Church*

Claus Schwambach²

RESUMO

O presente estudo tem a finalidade de contribuir para a fundamentação primeiramente histórico-eclesiástica, mas também bíblico-teológica e teológico-prática do que denominamos de pequenos grupos em casas, igreja em casas, células caseiras, igreja em

¹ Artigo recebido em 20 de julho de 2018, e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 17 de agosto de 2018, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Claus Schwambach é professor de Teologia Sistemática, ética e confessionalidade luterana, bem como Diretor Geral da *FLT – Faculdade Luterana de Teologia*, em São Bento do Sul/SC. Graduado em teologia pela *Universidade Eberhard-Karls* de Tübingen, Alemanha. Doutor em teologia pela *Universidade Friedrich-Alexanders* de Erlangen-Nürnberg, Alemanha. É Editor Geral de *Vox Scripturae – Revista Teológica Internacional*, Secretário da *AETAL – Associação Evangélica de Educação Teológica na América Latina* (gestão atual). É pesquisador de Lutero e faz parte da CEOL – Comissão Editorial das Obras de Lutero, mantida pelas igrejas IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil) e IELB (Igreja Evangélica Luterana do Brasil). E-mail: claus.schwambach@flt.edu.br.

células, dentre as diversas nomenclaturas utilizadas na atualidade. Mais especificamente, a abordagem quer dedicar-se à compreensão da visão do Reformador Martin Lutero sobre a assim chamada terceira forma de culto, encontrada no Prefácio de seu escrito *Missa Alemã e Ordem do Culto* de 1526 em sua relevância histórica, teológica e atual. O texto de Lutero, considerado paradigmático em relação ao assunto na história da pesquisa, será interpretado dentro do contexto do Prefácio da Missa Alemã e do todo da compreensão de Lutero acerca do lugar e da função dos cultos na igreja cristã, de acordo com suas diversas ênfases, que serão exploradas em seus detalhes ao longo da interpretação. A final será apresentada uma breve síntese e uma reflexão sobre a relevância atual da visão do Reformador. A pesquisa não tem tanto a intenção de apresentar fatos novos, mas antes, de resgatar e sumarizar importantes resultados de pesquisas internacionais, e socializá-los à pesquisa brasileira.

Palavras-chave: Martin Lutero. Culto cristão. Pequenos Grupos. Igreja em células. Ecclesiologia luterana.

ABSTRACT

The purpose of this study is to contribute to the historical-ecclesiastical, but also to the biblical-theological, theological-practical foundation of what we call “small groups in houses,” “church houses,” “home cells,” “church in cells”, among the various nomenclatures used today. More specifically, the approach is to devote itself to understanding the vision of the Reformer Martin Luther on the so-called “third form of worship,” found in the Preface to his German Mass and Order of Worship of 1526 in its historical, theological, and current relevance. Luther’s text, considered paradigmatic in relation to the subject in the history of the research, will be interpreted within the context of the Preface to the German Mass and the whole of Luther’s understanding of the place and function of the cults in the Christian church according to their various emphases, which will be explored in detail throughout the interpretation. The final will present a brief synthesis and reflection on the current relevance of the Reformer’s vision. The research is not so much intended to present new facts, but rather to rescue and summarize important results of international research, and socialize them in Portuguese, to Brazilian researchers.

Keywords: Martin Luther. Christian worship. Small Groups. Church in cells. Lutheran ecclesiology.

INTRODUÇÃO

Pequenos grupos que se reúnem em casas são vistos, de longa data, como uma alternativa interessante e um complemento necessário para uma igreja que realiza todo um conjunto de eventos e programações em um templo central. Seguindo um modelo inspirado na Igreja Primitiva e encontrado em Atos dos Apóstolos e nas cartas do NT (cf. Rm 16.5; 1 Co 16.19; Fm 2; Cl 4.15), em que

os cristãos se reuniam como igreja em “casas” (οικος – sing. ou οικια³ – pl.), tais grupos representam hoje, num ambiente pós-moderno, a oportunidade de oferecer o aconchego, o calor humano e a proximidade que o ambiente de um lar pode proporcionar. Tem-se um ambiente propício e convidativo para que pessoas abram o coração e compartilhem sua fé e seus dons de forma sincera e informal, e vivenciem algo da comunhão entre cristãos.

O presente estudo tem a finalidade de contribuir para a fundamentação primeiramente histórico-eclesial, mas também bíblico-teológica e teológico-prática do que denominamos de pequenos grupos em casas, igreja em casas, células caseiras, igreja em células, dentre as diversas nomenclaturas utilizadas na

³ Os conceitos gregos *oikos*, *oikia*, *oikon ekklesia*, *oikodomé* estão não apenas para “casa”, mas podem significar diversas coisas no entorno do conceito casa, tais como família, clã, comunidade caseira, organização da casa, propriedade, prédio de moradia ou pátria. Não há uma clara delimitação de significado entre esses termos. Cf. STUHLMACHER, Peter. **Der Brief an Philemon**. (EKK vol. 28). Zürich; Einsiedeln; Köln; Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1981, p. 73ss. No caso da igreja primitiva, a maioria dos pesquisadores parte hoje da premissa de que o núcleo das comunidades tenha se constituído como comunidade caseira, sendo que dispomos de múltiplos relatos no NT a esse respeito, oriundos de datas bastante antigas. Sabemos a respeito das comunidades caseiras de Jerusalém (At 1.13; 2.46; 5.42; 12.12; 16.15), de Tiatira (At 16.15), de Corinto (At 18.7), de Trôade (At 20.8) e de Éfeso (At 20.20). Comunidades caseiras ou familiares predominaram em todo o âmbito das igrejas fundadas por Paulo (cf. 1 Co 16.19; Cl 4.15; Fm 2; Rm 16.5). A casa e as famílias (entenda-se as grandes famílias, compostas de mais gerações e escravos) eram naquele período as unidades centrais e naturais da comunidade como um todo. Era como casa que essas comunidades se experimentavam como sendo o “corpo de Cristo” (Ef 2.21ss; 4.15ss; Rm 12; 1 Co 3.9ss). Os cristãos individuais eram pedras de uma casa viva (1 Pe 2.5; 1 Tm 3.15), cujo fundamento (1 Co 3.9) e pedra angular (Ef 2.20) era o próprio Cristo. Achados arqueológicos confirmam que o número de pessoas que se reuniam em uma casa variava entre 10 até cerca de 40 pessoas. Nesses casos, o termo casa não foca no indivíduo, mas sim, na comunidade – o conceito não é individualizante, mas coletivista. Todos esses termos gregos têm, por sua vez, raízes na compreensão veterotestamentária de casa (*bayit*), que igualmente significa casa como família, clã, parentesco, empregados, escravos, de um lado, e propriedade, prédio, gado ou ferramentas, de outro lado, não sendo possível separar de forma pura entre esses aspectos. *Bayit* era no AT uma espécie de conceito central para elos de cunho jurídico, social e principalmente religioso, possuindo forte função sacral. Toda a casa de um israelita tinha parte na vida religiosa, pois a casa era o lugar onde a aliança com Deus ou era vivenciada ou era rejeitada (Lv 17 e 18; 1 Sm 2.27-36; 3.12; 2 Sm 7.11ss). Cf. ainda Gn 12, cuja casa deveria se tornar em bênção para todas as casas da terra, e Js 24.15, passagem em que Josué coloca a si e a sua casa a serviço do Senhor. Assim WEIGAND, P. “oikia” und “oikos”. In: BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard (Eds.). **Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament**. Vol. 2. Stuttgart; Berlin; Köln; Mainz: Kohlhammer, 1981, col. 1210ss e 1222ss.

atualidade. Mais especificamente, a abordagem quer dedicar-se à compreensão da visão do Reformador Martinho Lutero. A proposta consiste em resgatar a sua compreensão e reconstruir sua visão com base na interpretação histórica e teológica de um texto paradigmático do Reformador. E, ao mesmo tempo, almeja-se extrair conclusões e aprendizados para a atualidade. Dentre os textos de Lutero que figuram na história da pesquisa como mais significativos quanto a essa temática, senão o mais significativo e paradigmático, está o famoso Prefácio de Lutero à *Missa Alemã* e *Ordem de Culto* (1526), que foi o texto escolhido como referência desse estudo⁴.

1 O LUGAR DO CULTO EM CASAS NO CONTEXTO DAS REFORMAS DE CULTO DE LUTERO

Lutero dedicou-se à Reforma dos cultos e das liturgias mais intensamente entre 1523 e 1526, período em que elaborou 3 escritos maiores, contendo suas propostas para a reforma do culto na época. 1) *Acerca da Ordem do Culto na comunidade* (1523)⁵; 2) *Formulário da Missa e da Comunhão para a Igreja de Wittenberg* (1523)⁶; e 3) *Missa Alemã e Ordem do Culto* (1526)⁷. Há hoje um certo consenso na pesquisa de que a *Missa Alemã* representa o ponto culminante da posição teológica e reformatória de Lutero quanto ao assunto, posição esta que será reafirmada e jamais retificada até o final de sua vida⁸. Dentro da *Missa Alemã*, um

⁴ Cf. a tese de doutorado de BLOHM, Johannes. “**Die Dritte Weise**”. Zur Zellenbildung in der Gemeinde. Betrachtungen und Überlegungen zur Hausarbeit unter Zugrundelegung einer empirischen Erhebung. Stuttgart: Calwer Verlag, 1992, aqui, p. 13-16.

⁵ WA 12,35-37.

⁶ WA 12,205-220, cf. LUTERO, Martinho. Formulário da Missa e da Comunhão para a Igreja de Wittenberg – 1523. In: LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas**. Vol. 7. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia 2000, p. 155-172.

⁷ WA 19,72-113, cf. LUTERO, Martinho. Missa Alemã e Ordem do Culto – 1526. In: LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas**. Vol. 7. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia 2000, p. 173-205.

⁸ Uma análise e interpretação detalhada dos três principais escritos sobre as reformas do culto promovidas por Lutero encontra-se em: SCHWAMBACH, Claus. As reformas do culto realizadas por M. Lutero. Análise das fontes e abordagem crítica dos posicionamentos da pesquisa litúrgica recente. In: **Vox Scripturae** – Revista Teológica Internacional. São Bento do Sul, vol. XVII, n. 2, out./2010, p. 138-206. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/5%20-%20VS%20XVIII-2%20[txt%20-%20

dos trechos que se tornou historicamente central e relevante é o “Prefácio”, onde Lutero oferece uma síntese de sua visão sobre as formas do culto, e que permite vislumbrar como ele imaginava a estruturação de uma comunidade local quanto núcleo central de sua existência e atuação, que eram os cultos. Dos personagens da história da igreja, Lutero foi que, com sua visão eclesiológica, marcou de forma profunda e duradoura o Protestantismo no passado e no presente⁹. Para a pequena Wittenberg, composta de ca. de 2500 moradores, mais ca. 1500 estudantes à época, Lutero já previu nada menos que 3 formas de culto ou programações. A primeira foi o *culto e a liturgia em latim*:

04].pdf>. Acesso em: 10 mar. 2018. Veja também SPEHR, Christopher. O culto na concepção de Martinho Lutero. In: **Vox Scripturae** – Revista Teológica Internacional. São Bento do Sul, vol. XXII, n. 2, jul./2014, p. 31-61. A abordagem de Spehr representa uma excelente síntese do estado atual da pesquisa internacional; nas referências encontra-se uma listagem das principais pesquisas sobre o tema. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/3%20-%20VS%20XXII-2%20[txt%20-%2002].pdf>. Acesso em: 10 mar. 2018.

⁹ Uma ideia da forte e intensa história da recepção da terceira forma de culto de Lutero pode-se ter a partir da retrospectiva de BLOHM, 1992, p. 43-84. Blohm menciona os seguintes representantes da história que realizaram recepções da terceira forma de culto de Lutero: Lambert de Avignon já em 1526s, Martin Bucer (em Strassburgo 1546-1551), Philip Jacob Spener – Pai do Pietismo protestante – em seu famoso escrito *Pia Desideria* de 1680, Conde Ludwig v. Zinzendorf e a comunidade dos Irmãos Morávios em 1727, Johann Hinrich Wichern em 1839 – um dos pais da diaconia como missão interna protestante; Wilhelm Löhe em 1848; O Movimento de Comunhão de Gnadau (hoje *Evangelischer Gnadauer Gemeinschaftsverband*) a partir de 1900. Na virada para o séc. 20 houve acirradas discussões sobre a terceira forma. Teólogos como Albrecht Ritschl, K. Rieker e Chr. E. Achelis manifestaram-se totalmente contrários a qualquer recepção da terceira forma de Lutero no Protestantismo; H Hermelink igualmente defendeu que a terceira forma não era um ideal, mas sim, meramente um desejo ou pensamento solto que Lutero teve, eventualmente por conta de influências de grupos mais entusiastas; P. Drews e K. Müller, por sua vez, fizeram parte de um grupo de teólogos que pleitearam pela plena recepção e por uma avaliação positiva dos pensamentos de Lutero sobre a terceira forma (cf. p. 65ss), sendo que eles entendem que o que Lutero escreve no Prefácio da Missa Alemã realmente constitui a elaboração do que ele via como sendo uma visão ideal da igreja; No contexto da 2ª Guerra Mundial e no período posterior, também diversos teólogos do contexto alemão como C. Pabst, Emil Brunner, O. Bruder, Friedrich Gogarten, Karl Barth, Rudolf Bohren, G. Kugler, Helmuth Gollwitzer, Jürgen Moltmann, H. Frankemölle e Manfred Seitz efetuaram uma recepção positiva do conceito de terceira forma de culto de Lutero, procurando torná-lo frutífero para as suas concepções de eclesiologia e edificação de comunidades. A partir da própria recepção de Lutero e das influências de todo esse conjunto de teólogos, a terceira forma de culto de Lutero sofreu recepções praticamente em igrejas evangélicas de todos os continentes (cf. p. 65-84).

Há três tipos [distintos] de culto ou missa. Em primeiro lugar, uma em latim, que publicamos anteriormente, e que é denominada de *Formula Missae*. Esta eu não quero ter revogado nem modificado com o presente [escrito]; deve haver liberdade de utilizá-la da forma como a celebramos até agora entre nós, sempre que nos aprouver ou houver razão para tal. Pois de forma alguma pretendo deixar que a língua latina desapareça totalmente do culto; afinal, o que me importa sobretudo é a juventude. E, se estivesse ao meu alcance e as línguas grega e hebraica nos fossem tão familiares quanto a latina, e se nessas línguas existissem tantas boas melodias e cantos quanto no latim, então se deveria celebrar, cantar e ler missa em todas as quatro línguas - alemão, latim, grego e hebraico - em domingos sucessivos. De forma alguma concordo com aqueles que apostam apenas em uma língua, desprezando todas as outras. Pois eu gostaria de educar jovens e pessoas que pudessem ser úteis a Cristo e falar com as pessoas também no estrangeiro, para que não nos suceda como aos valdenses na Boêmia, que aprisionaram sua fé em sua própria língua a ponto de não conseguirem falar de forma inteligível e clara com ninguém, a não ser que antes se aprendesse seu idioma. Não foi assim que o Espírito Santo procedeu no início. Ele não esperou até que todo mundo viesse a Jerusalém e aprendesse hebraico, mas concedeu toda espécie de línguas para o ministério da pregação, de modo que os apóstolos pudessem falar aonde quer que chegassem. Este exemplo é que prefiro seguir; além disso, é conveniente exercitar a juventude em muitas línguas. Quem sabe como Deus irá usá-la com o tempo? Para isso é que existem escolas.¹⁰

A formação da juventude universitária nas línguas bíblicas (grego, hebraico e a língua da universidade medieval, o latim), a fim de que fosse capacitada para servir a Deus na missão mundial e para transmitir a outros suas convicções e experiências de fé, foram duas das grandes razões pelas quais Lutero quis preservar uma liturgia e ordem de culto latina. A segunda forma foi o *culto e a liturgia em alemão*:

Em segundo lugar, existe a missa ou culto em alemão, objeto do presente escrito, e que deve ser regulamentado por causa dos leigos sem instrução. É preciso que estas duas formas sejam reconhecidas e praticadas, para que sejam celebradas publicamente nas igrejas perante o povo todo, no meio do qual há muitos que ainda não creem ou não são cristãos. Na verdade, a maioria fica assistindo sem entender, esperando ver algo novo, como se estivéssemos celebrando o culto rodeados de loucos ou pagãos em praça pública ou campo aberto; pois aqui ainda não se trata de uma reunião ordenada, na qual se pudesse governar os cristãos segundo o Evangelho, mas de um incentivo público para a fé e o cristianismo.¹¹

¹⁰ LUTERO, 2000, p. 178s.

¹¹ LUTERO, 2000, p. 179.

A simples realização do culto no vernáculo foi um avanço gigantesco para a época, que atendeu a um profundo anseio das pessoas simples, como Lutero gostava de afirmar. Sob o ponto de vista do planejamento do trabalho comunitário, a razão principal de Lutero introduzir o culto em alemão foi a necessidade de evangelização de cristãos já batizados, com a finalidade de que a vivência consciente da fé fosse neles despertada e entre eles promovida. Percebe-se que essas duas primeiras formas de culto tinham um foco maior em alcançar e promover publicamente a fé cristã junto aos dois grandes públicos-alvo que Lutero tinha diante de si em Wittenberg: estudantes de diversas partes da Alemanha e Europa que falavam latim, e o povo local, que falava alemão. No entanto, Lutero estava convencido de que essas duas formas, com todo um conjunto de reformas, inovações e modificações da tradição litúrgica que eles representavam em relação à *missa romana* vigente na época, ainda não eram o suficiente. Essas duas formas de culto ainda não correspondiam plenamente com o que ele considerava a demanda de uma “autêntica ordem evangélica”, i.e., uma ordem mais próxima das práticas de encontros cristãos registradas nas Escrituras, no espírito do evangelho. Por isso, ele fala de uma *terceira forma de culto*, que será doravante objeto de nossa abordagem:

Entretanto, a terceira forma, a autêntica ordem evangélica, não deveria acontecer em praça pública no meio de toda sorte de pessoas; mas aqueles que querem ser cristãos sinceramente e confessam o Evangelho em palavra e ações deveriam inscrever-se nominalmente e reunir-se em separado numa casa qualquer para orar, ler, batizar, receber o Sacramento e praticar outras obras cristãs. Dentro desta ordem poder-se-ia reconhecer os que não se comportam de modo cristão, repreender, corrigir, expulsar ou excomungá-los segundo a regra de Cristo em Mt 18[.15-17]. Ali também se poderia exigir dos cristãos uma esmola comum, ofertada voluntariamente e distribuída entre os pobres, segundo o exemplo de S. Paulo em 2 Co 9[.1]. Não haveria necessidade de muita cantoria. Além disso, também se poderia celebrar o Batismo e o Sacramento de forma breve e bonita, concentrando tudo na Palavra, na oração e no amor. Seria necessário um bom catecismo abreviado sobre o Credo, os Dez Mandamentos e o Pai nosso. Em síntese, se houvesse as pessoas que sinceramente desejassem ser cristãs, a ordem e as formas estariam estabelecidas rapidamente. Entretanto, ainda não posso nem quero regulamentar ou instituir semelhante comunidade ou reunião, pois para tal ainda não disponho das pessoas, nem tampouco vejo muitos que o desejassem. Porém, se for necessário e eu for desafiado a ponto de não poder deixar de fazê-lo de sã consciência, farei a minha parte com o maior prazer, contribuindo com o que estiver ao meu alcance. Enquanto isso, limitar-me-ei às duas formas mencionadas e ajudarei a promover, ao lado da pregação, esse culto aberto para o povo, para exercitar a juventude e chamar e estimular as pessoas **à fé, até que os cristãos que sinceramente amam a Palavra se encontrem e se motivem entre si, para que a coisa não**

vire um grupo sectário se eu o fizer de minha própria cabeça. Pois nós alemães somos um povo selvagem, bruto e desvairado, difícil de se lidar, a não ser em caso de extrema necessidade.¹²

2 VISÃO, INTENÇÕES E FORMATO PENSADOS POR LUTERO PARA O CULTO EM RESIDÊNCIAS¹³

Na parte que segue, dedicar-nos-emos a uma interpretação do trecho do Prefácio da Missa Alemã que diz respeito à terceira forma do culto. A interpretação é feita de modo a já ir dividindo didaticamente o texto conforme as diversas ênfases de conteúdo nele encontradas.

2.1 “[...] a verdadeira ordem evangélica”

Lutero considerava a terceira ordem do culto, realizada nas casas, indubitavelmente a “verdadeira ordem evangélica”, ou seja, a forma de reunião de cristãos mais adequada ao que ele percebia a partir das Escrituras Sagradas¹⁴. À luz dessa formulação, as duas primeiras formas de culto parecem ter sido vistas pelo Reformador quase como que um prelúdio, uma etapa prévia, que deveria em algum momento culminar nessa terceira forma. Sob um ponto de vista teológico-pastoral e quanto ao que tinha como meta visionária, Lutero parece claramente ter privilegiado e desejado ter implantado já em seu tempo essa terceira forma; mas sob um ponto de vista prático-pastoral, ele de fato se viu, dadas as circunstâncias de sua época, compelido a promover e priorizar efetivamente as duas primeiras formas de culto. Ele não conseguiu efetivamente implantar a terceira forma. Em lugar disso, Lutero identificou a evangelização e a promoção da fé evangélica entre os universitários e os alemães locais, que em grande medida não haviam compreendido o evangelho e precisavam aprender como vivê-lo concretamente

¹² LUTERO, 2000, p. 179s. Na abordagem que segue, as várias citações isoladas do presente trecho sobre a terceira forma não serão mais citadas especialmente no aparato de rodapés, evitando repetição.

¹³ Seguimos aqui a estrutura de abordagem encontrada em BLOHM, 1992, p. 22ss, que é uma das obras científicas de referência sobre o assunto.

¹⁴ Veja as observações sobre o termo veterotestamentário *bayit* e o termo neotestamentário *oikos* ou *oikia*, acima, na nota 2; cf. BLOHM, 1992, p. 31-42, onde o autor aborda todo o pano de fundo bíblico em torno do conceito de “casa”.

em seu cotidiano, como sendo essa a verdadeira necessidade do momento, o imperativo da hora – situação essa que, na prática, não mudou até a morte de Lutero.

A marca central da terceira forma de culto tal qual como sonhada e vislumbrada por Lutero, é que não precisaria ocorrer em local público. Lutero pensa, aqui, claramente, no modelo neotestamentário das casas (gr. οἶκος), em uma igreja que acontece ou em uma comunidade que se reúne em (pequenos) grupos caseiros. Lutero parece querer resgatar a dimensão neotestamentária da igreja como *communio sanctorum*, reunindo em casas “aqueles que querem ser cristãos sinceramente e confessam o Evangelho em palavra e ações”. A compreensão eclesiológica que o norteou parece ter sido uma igreja que não somente se reunia em cultos públicos, voltados à apresentação da fé aos principais públicos-alvo de uma localidade – a “toda sorte de pessoas”, mas também em um (ou mais) grupo(s) menores em casas – uma espécie de célula menor, mas muito viva de cristãos que sinceramente tinham o desejo e a intenção de praticar o cristianismo¹⁵: “aqueles que querem ser cristãos sinceramente e confessam o Evangelho em palavra e ações”.

2.2 Conteúdo e finalidade dos encontros em casas

Lutero vislumbrava que os encontros “[d]aqueles que querem ser cristãos sinceramente e confessam o Evangelho em palavra e ações” em casas deveria ser caracterizado por um *elevado grau de comprometimento pessoal*. Estes “deveriam inscrever-se nominalmente e reunir-se em separado numa casa qualquer”. Provavelmente Lutero estava pensando aqui em lista ou rol de pessoas que, a partir de suas convicções pessoais, aderiu de forma consciente e intencional à fé cristã, dispondo-se a praticá-la em palavras e ações¹⁶.

Quanto ao conteúdo e à finalidade dessas reuniões, Lutero os define como sendo “para orar, ler, batizar, receber o Sacramento e praticar outras obras cristãs”. Os encontros deveriam proporcionar uma prática permanente da oração e da leitura bíblica, incluindo a oferta dos sacramentos (batismo e santa ceia) e abrangendo ainda a prática de obras cristãs. Oração e leitura bíblica são mencionados em primeiro plano, correspondendo à visão usual de Lutero, que

¹⁵ Cf. BLOHM, 1992, p. 22s.

¹⁶ BLOHM, 1992, p. 23.

igreja se constitui a partir do ouvir da Palavra de Deus¹⁷ e do vivenciar a graça mediada nos sacramentos, aos quais a pessoa responde em oração¹⁸.

2.3 A oferta dos sacramentos nos encontros do grupo reunido em casas

Chama atenção que, para Lutero, a realização de batismos e a oferta do sacramento do altar (santa ceia) são vistos com muita naturalidade como parte dessa terceira forma de encontros num grupo em casas. Ele os menciona explicitamente. Chama igualmente atenção que Lutero não indica alguém que fosse o responsável pela ministração de batismos e santas ceias. É possível que, nesse período de 1526, quando Lutero escreveu esse prefácio, ele estivesse pensando que os cristãos mesmos, que se reuniam, o pudessem fazer¹⁹. Isso estaria em coerência com sua visão do *sacerdócio geral de todos os batizados e crentes*²⁰, conforme ele defendeu em seu escrito *À Nobreza Cristã da Nação Alemã*, em 1520²¹. Nesse caso, cada cristão individual teria os mesmos direitos, mas também

¹⁷ “*Aber die summa sey die, das es ia alles geschehe, das das wort ym schwang gehe und nicht widdeerumb eyn loren und dohnen draus werde, wie bis her gewesen ist. Es ist alles besser nach gelassen, denn das wort. Und es ist nichts besser getrieben denn das wort. Denn das selbst sollt ym schwang unter den Christen gehen, zeygt die ganze schriff an, und Christus auch selb sagt, Luce X*” (WA 12,37).

¹⁸ Sobre o conteúdo do que ocorria numa “casa” nos tempos do NT, cf. At 2.42ss (palavra, oração, comunhão, partir do pão); At 4.42 e 20.20 (reunião em torno da palavra como núcleo central e fator gerador de comunhão). Segundo BLOHM, 1992, p. 37s, as casas eram basicamente local de comunhão (koinonia), amor (ágape), incentivo e consolo mútuo (parênese) e exortação e disciplina mútua (paraklese). Sob um ponto de vista missiológico, as casas parecem ter sido uma forma muito atrativa de reunir pessoas. Em suma, nas casas encontrava-se ensino/pregação/instrução, ministração dos sacramentos, orações e comunhão, razão pela qual as comunidades caseiras eram “centro de fundação e núcleo de uma comunidade local, ponto de apoio à missão, local de reunião para a ceia do Senhor, local de orações, local de ensino catequético, local de comprovação da fraternidade cristã” (p. 38).

¹⁹ Assim BLOHM, 1992, p. 24.

²⁰ Para uma abordagem abrangente sobre o tema em Lutero, cf. FISCHER, Gerson J. Sacerdócio Universal dos Cristãos e ministério da Igreja. Apreciações balizadas na teologia de Martinho Lutero. In: **Vox Scripturae** - Revista Teológica Internacional. São Bento do Sul, vol. 26, n. 1, jan-abr 2018, p. 31-75.

²¹ “[...] todos os cristãos são verdadeiramente do estamento espiritual, e não há qualquer diferença entre eles a não ser exclusivamente por força do ofício, conforme Paulo diz em 1 Co 12.12ss: Todos somos um corpo, porém cada membro tem sua própria função, com a qual serve os outros. Tudo isso se deve ao fato de que temos um Batismo, um Evangelho, uma fé e somos cristãos iguais, porque é só Batismo, Evangelho e fé que

a mesma responsabilidade e cuidado quanto à reta administração dos sacramentos que uma pessoa ordenada deveria ter. Ainda assim, seria errôneo interpretar esse trecho de Lutero como se fosse uma espécie de carta branca para a prática livre, incontrolada e independente do batismo e/ou da santa ceia, que estivesse desprendida ou desacoplada da comunidade e do restante do trabalho comunitário. Isso contradiria completamente sua visão, que justamente está imbuída de não criar grupos ou práticas independentes ou sectários.

Quanto à forma de ministração, Lutero preconiza que nas casas “também se poderia celebrar o Batismo e o Sacramento de forma breve e bonita”. Inclusive nesses encontros, “[n]ão haveria necessidade de muita cantoria”. No que Lutero está pensando? Historicamente o mais provável é que ele tenha aqui em mente algo que ele mesmo já havia praticado ao voltar do Castelo de Wartburgo em 1522, onde se mantivera escondido por conta de seu banimento na Dieta de Worms em 1521. Ao voltar para Wittenberg, Lutero celebrou, junto a um pequeno círculo de apoiadores da Reforma, o sacramento do altar sem qualquer liturgia ou cerimonial. “Pois no mosteiro nós tomávamos a missa sem púlpito, sem fazer a elevação [dos elementos], simplesmente da forma mais singela”²². Ao que parece, Lutero queria aqui manter fora elementos litúrgicos desnecessários, concentrando-se no que era essencial. Pois diversos elementos litúrgicos

[...] são todos criação e acréscimo humanos, que Deus não considera, e que obscurecem o verdadeiro culto a Deus. Deve haver apenas uma coisa que se promova corretamente e que, a partir desta, um tal culto se torne conhecido ao povo, o Evangelho, [e] este é o verdadeiro sino e órgão [que vale] para esse culto.²³

tornam as pessoas espirituais e cristãs. [...] Assim pois todos nós somos ordenados sacerdotes através do Batismo, como diz São Pedro em 1 Pe 2.9: ‘Vós sois um sacerdócio real e um reino sacerdotal’, e Ap [5.10] [...] É por isso que, em caso de necessidade, cada um pode batizar e absolver, o que não seria possível se não fôssemos todos sacerdotes” (LUTERO, Martinho. *À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão*. In: LUTERO, Martinho. **Obras Seleccionadas**. Vol. 2: O programa da Reforma. Escritos de 1520. São Leopoldo; Porto Alegre: Sinodal; Concórdia, 1989, p. 282).

²² “*Denn ym kloster haben wyr Mess gehabt on kassel, on auff heben, schlecht auff's aller eyfeltigst*” (WA 18,113), *apud* BLOHM, 1992, p. 25.

²³ “*alliss menschen fundle und auffsetz, die got nit acht, und den rechten Gottis dienst mit yhrem gleysen verdunckeln. Es darf nur eynerley, des Evangeli, das man wol treybe, und darauss solchen Gottis dienst dem volck bekand mache, das ist die rechte glock und orgelln zu diesem Gottis dienst*” (WA 10 1/1,39, *apud* BLOHM, 1992, p. 25).

Também nesse caso é importante ressaltar que seria historicamente incorreto interpretar essa ênfase no sentido de que Lutero estaria aqui defendendo uma ênfase unilateral dos elementos cognitivos do culto e da liturgia, como se percebia em grupos iconoclastas, e posteriormente na tradição calvinista ou reformada. Não é esse o caso aqui²⁴.

Importante é perceber que para Lutero, essa terceira forma de culto, *era culto* no sentido pleno da palavra, incluindo a dimensão da oferta e ministração dos sacramentos. O grupo de pessoas que se reúne em casas, em culto, é comunidade, é igreja, em sentido teológico pleno, pois onde palavra e sacramentos estão presentes, lá existe igreja:

Os sinais, pelos quais se pode reconhecer externamente, onde essa mesma igreja se encontra no mundo, são o batismo, sacramento [do altar] e o Evangelho, e não Roma, esse ou aquele local. Pois onde estão o batismo e o Evangelho, lá ninguém deve duvidar de que haja pessoas santas aí, e mesmo que fossem simples crianças em seus berços.²⁵

Além de palavra e sacramentos, que já por si constituem as marcas centrais da igreja verdadeira para Lutero²⁶, há três outras marcas da igreja verdadeira que Lutero menciona na reunião em casas, a saber, práxis caritativa-diaconal, a catequese e a missão.

²⁴ BLOHM, 1992, p. 25.

²⁵ WA 6,301, *apud* BLOHM, 1992, p. 25: “*Die zeichen, da bey man eusserlich mercken kann, wo die selb kirch in der welt ist, sein die teuff, sacrament und das Evangelion, unnd nit Rom, disz odder der ort. Dan wo die tauff und das Evangelion ist, da sol niemand zweifeln, es seyn ehyligen da, und soltens gleich eytel kind in der wigen seyn*”. Nesse sentido também a passagem de WA 7,219: “*Ich glaub, das do sey auff erden, so weyt die welt ist, nit mehr dan eyne heylige gemeyne Christliche kyrche, welche nicht anders ist, dan die gemeyne odder vesammlung der heyligen, der frumen, glaubigen menschen auff erden, wilche durch den selben heyligen geyst versamlet, erhalten und regiert wirt, und teglich ynn den sacramenten und wort gottis gemehret*” (*apud* BLOHM, 1992, p. 25).

²⁶ Em relação à eclesiologia de Lutero, cf. as várias pesquisas constantes em: SCHWAMBACH, Claus; SPEHR, Christopher (Eds.). **Reforma e Igreja**. Estudos sobre a eclesiologia da Reforma na história e na atualidade. São Bento do Sul: União Cristã; FLT, 2015, cf. esp. p. 93-96.

2.4 A dimensão caritativa ou diaconal nos encontros do grupo reunido em casas

“Ali também se poderia exigir dos cristãos uma esmola comum, ofertada voluntariamente e distribuída entre os pobres, segundo o exemplo de S. Paulo em 1 Co 9.”, assim Lutero imagina a dimensão caritativa e diaconal do culto nas casas. Inspirado pela prática comunitária encontrada no Ap. Paulo, Lutero preconiza que esse grupo de comunhão não esteja apenas preocupado no fortalecimento e na edificação pessoal ou comunitária, mas que, partindo de tal fortalecimento espiritual recebido nesse grupo através de palavra, sacramento e oração, as pessoas também se tornem ativas para além delas mesmas e para fora do grupo caseiro, dando atenção bem concreta e prática a necessidades humanas que aparecem. A principal área em que Lutero entendia haver uma necessidade de auxílio prático em seus dias foi o cuidado para com as pessoas mais pobres. De outros textos se depreende que o cuidado para com os pobres era primeiramente uma incumbência de Conselheiros da própria comunidade civil de Wittenberg (alem. *Stadräte*) e em segundo lugar de pessoas incumbidas pela comunidade cristã (alem. *Gemeinderäte*). Tal preocupação com os pobres era para o Reformador uma característica inalienável de uma comunidade cristã. Em outro lugar, Lutero afirmou, inspirado na prática dos apóstolos registrada em Atos 6:

A primeira parte vós tendes aqui, pois vedes, como uma igreja cristã deve ser organizada e [como é] a reta imagem de um regimento cristão, tal qual os apóstolos aqui conduzem, [sendo que eles] zelam pelas almas, lidam com pregações e orações, [e] ainda conseguem fazer com que também haja o cuidado do corpo, [e] sorteiam alguns homens para que distribuam bens [temporais]. Assim o regimento cristão cuida do corpo e da alma, para que ninguém passe necessidade, como Lucas o afirma, e todos estejam ricamente alimentados na alma e plenamente cuidados quanto ao corpo. E essa é uma imagem correta. Seria bom se déssemos início a isso [i.e., a tal prática], quando tivermos pessoas para fazê-lo.²⁷

²⁷ “*Das erst stuck habt ir hie, das ir sehet, wie ein Christilich kirch Gestalt sol sein unnd ein recht bild eins geystlichen regiments, das die apostel hie führen, versorgen die seelen, geen mit predigen und mit gebetten umb, verschaffen doch, das auch der leib versorget werd, werffen etlich menner auff, die da die güter auzteylen. So versorget das Christlich regiment an leib und seel, das keyner kein mangel hatt, wie lucas sagt, und alle reichlich gespeyst an der seel und wol versorget am leyb. Das ist ein recht bild. Es wer wol gut, das mans anfieng, wann leut darnach weren*”, WA 12,693 apud BLOHM, 1992, p. 26.

Percebemos, assim, que Lutero provavelmente vislumbrava justamente nos participantes dos cultos nas casas as pessoas que seriam apropriadas para a prática dessas atividades caritativas e diaconais.

2.5 A dimensão catequética nos encontros do grupo reunido em casas

“Seria necessário um bom Catecismo abreviado sobre o Credo, os Dez Mandamentos e o Pai nosso.” Aqui a ênfase não recai tanto sobre a edificação pessoal, mas sobre a mediação de conhecimentos aprofundados acerca da fé cristã, e isso, de forma breve, marcante e concentrada. Pequenos grupos em casas são adequados para tal tipo de aprofundamento catequético. Ao falar do catecismo, Lutero não pensa tanto num livro, mas sim, em uma determinada forma de ensino – o ensino catequético. Inclusive ao longo de seu ministério, Lutero preocupou-se muito em produzir uma série de materiais catequéticos, que servissem de instrução bíblica e teológica para as comunidades²⁸.

Johannes Blohm chama atenção ao fato de que a dimensão catequética, para Lutero, não apenas deveria se estender aos membros da comunidade e suas famílias, mas também deveria estender-se a pessoas ainda distantes da fé, pois Catecismo “chama-se uma instrução que ensine e mostre aos gentios, que querem se tornar cristãos, o que devem crer, fazer, deixar de fazer e conhecer sobre o cristianismo”²⁹. E essa instrução catequética de característica mais missionária deveria “ser ministrada através da comunidade especial”³⁰.

2.6 A dimensão missionária nos encontros do grupo reunido em casas

A dimensão missionária está bem presente em toda a concepção de Lutero em relação às três formas de culto que ele vislumbrava para sua época, mais

²⁸ Exemplos são, além do Catecismo Maior (WA 30/I, 123ss) e do Catecismo Menor (WA 30/1,239ss), que são clássicos, escritos como “Uma breve forma de compreender e de orar o Pai Nosso” (WA 6,9ss), “Uma breve e boa interpretação do Pai Nosso [...]” (WA 6,20ss), “Uma reflexão cristã sobre como se deve orar o Pai Nosso” (WA 9,229ss), o “Livrinho de Oração” (WA 10/2,331ss), e outros.

²⁹ “[*Katechismus*] heist eyne unterricht, damit man die heyden, so Christen werden wollen, leret und weyset, was sie glauben, thun, lassen und wissen solln ym Christenthum” (WA 19,76) apud BLOHM, 1992, p. 27.

³⁰ BLOHM, 1992, p. 27.

especificamente para a cidade de Wittenberg. No Prefácio em análise, ao concluir sua apresentação do culto em latim e do culto em alemão, Lutero menciona a intencionalidade a partir da qual ele mantém essas duas formas litúrgicas distintas de culto: “É preciso que estas duas formas sejam reconhecidas e praticadas, para que sejam celebradas publicamente nas igrejas perante o povo todo, no meio do qual há muitos que ainda não creem ou não são cristãos. Na verdade, a maioria fica assistindo sem entender, esperando ver algo novo, como se estivéssemos celebrando o culto rodeados de loucos ou pagãos em praça pública ou campo aberto; pois aqui ainda não se trata de uma reunião ordenada, na qual se pudesse governar os cristãos segundo o Evangelho, mas de um incentivo público para a fé e o cristianismo”. A intencionalidade missionária fica muito evidente. O estilo da programação e toda a liturgia visam servir de convite ou incentivo público para a fé e para o cristianismo, pois Lutero entende que em meio ao “povo todo” haja “muitos que ainda não creem ou não são cristãos”. Lutero faz uma avaliação realista e contextualizada desses públicos, levando em conta que eles, por ainda não crerem ou não serem cristãos, não compreendem realmente o conteúdo do que é feito nesses cultos³¹. Se se leva em conta que o público da época, dentro do regime de cristandade, era basicamente composto de pessoas já batizadas, pode-se concluir que Lutero tinha um cristianismo *nominal* diante de si, que precisava ser evangelizado, para que crescesse e passasse a viver o cristianismo na prática.

Embora Lutero não o mencione explicitamente no Prefácio, há indicações de que ele vislumbrava que os participantes do culto nas casas, interessados em viver e praticar a fé com sinceridade e intencionalidade, poderiam exercer algum papel missionário junto aos públicos dos outros dois cultos. Segundo Blohm, cabe justamente a esse grupo de cristãos que se reúnem em casas o papel de “confessar o evangelho em palavra e ação e, assim, conduzir outras pessoas à fé”³². Ainda

³¹ Embora Lutero não mencione aqui qualquer referência bíblica, a sua formulação lembra de forma muito evidente 1 Co 14.20ss, em especial o v. 23. O contexto trata justamente da ordem do culto em Corinto, e do escândalo de participantes descrentes, naquele caso por conta do falar em línguas em Corinto. Se essa observação for pertinente, parece que Lutero tinha a percepção de que mesmo os cultos em latim e em alemão, com toda a sua forma litúrgica específica, e apesar de terem sido pensados missionariamente como um incentivo à fé, ainda assim permaneciam sem ser compreendidos bem pelos participantes.

³² BLOHM, 1992, p. 27 “[Die] Gemeinde nach der ‘Dritten Weise’ [...] soll das Evangelium in Wort und Tat bekennen und damit andere Menschen zum Glauben führen”. Blohm baseia-se na seguinte citação de Lutero: “Aller meyst aber geschichts umb der

segundo Blohm, “Lutero queria, com esse direcionamento missionário [desse grupo], impossibilitar já de início qualquer segregação [desse grupo dos demais] tanto no âmbito espiritual quanto no prático”³³, pois “Fazer seitas não presta e não ajuda, pois [diante destas] não resta conselho algum, a não ser pregar o evangelho e isolar as pessoas do sacramento e de todos os meios externos, até que elas se sintam e se comprovem cristãs, e **cheguem através dele [i. e., do evangelho] primeiramente à fé, ao amor**”³⁴.

Percebe-se a clara percepção de Lutero que o perigo de um grupo de cristãos que se reúne de alguma forma à parte é o de tornar-se de certa forma sectário, algo diferente (ou melhor) que o povo (comum) que participa das programações públicas da comunidade, e que ainda não chegou à fé. A promoção de uma atuação missionária junto ao primeiro grupo parece ter sido pensada para ter um triplo e simultâneo efeito. O primeiro efeito diz respeito ao próprio grupo de já cristãos por convicção, reunido em casas: uma atuação missionária junto ao(s) outro(s) grupo(s) de pessoas tem a função de servir de tentativa de preservar esse grupo, a priori, de cair no isolacionismo, no separatismo, sim, no sectarismo. O segundo efeito diz respeito à efetiva evangelização dos já participantes, mas ainda não crentes ou não praticantes da fé cristã. Os cristãos da terceira forma **são tornados ativos** na missão, colocados a serviço da palavra, tornam-se cooperadores do evangelho em relação a outros grupos de pessoas na mesma comunidade. Tem-se, assim, o terceiro efeito: que todos os grupos, cristãos e ainda não cristãos ou não praticantes, permanecem inter-relacionados dentro de uma mesma comunidade, entendida como uma grandeza maior, que abarca esses diferentes grupos. Promove-se assim relacionamentos humanos e comunhão, dentro do que poderíamos entender como sendo um projeto maior de comunidade, apto a abarcar uma diversidade de grupos menores. Os já cristãos que participam nos cultos em casas, o grupo já praticante da fé, torna-se, assim, em fermento

eynfeltigen und des jungen volcks willen, wilchs sol und mus teglich ynn der schriftt gewonet, geschickt, leufftig und kundig darynnen werden, yhren glauben zuvertretten und andere mit der zeyt zu leren und das reyck Christi helffen mehren” (WA 19,73).

³³ “Luther wollte mit der missionarischen Ausrichtung eine Absonderung im geistlichen und auch im praktischen Bereich bereits in ihren Anstätzen unmöglich machen” (BLOHM, 1992, p. 27).

³⁴ “Secten machen taugt unnd hilft nicht, darumb ist keyn radt ubrig denn das Evangelion predigen und die leutt vom sacrament und allen eusserlichen stucken wenden, bis sie sich Christen fülen und beweysen und von yhm selbs zu erst zum glauben, zur liebe [...] dringen” (WA 10/II,39).

evangelístico e uma comunhão de irmãos e irmãs em trabalho ativo dentro da comunidade como um todo³⁵.

2.7 O culto nas casas como local da mútua correção e disciplina fraterna

Por fim, Lutero vislumbrava que um grupo de cristãos praticantes reunido em casas poderia ser o lugar de concretização de uma dimensão fundamental da existência de uma comunidade cristã enquanto comunhão entre pessoas que comungam verdadeiramente da mesma fé em Cristo: a disciplina ou mútua exortação fraterna: “Dentro desta ordem poder-se-ia reconhecer os que não se comportam de modo cristão, repreender, corrigir, expulsar ou excomungá-los segundo a regra de Cristo Mt 18[.15-17].” Essa dimensão é mencionada com toda naturalidade por Lutero, que acolhe a compreensão de comunidade e de relacionamento entre pessoas cristãs de Mt 18.16ss. em sua concepção de culto em casas. Ao que tudo indica, dado ao fato de que os dois primeiros cultos eram compostos por públicos em sua maioria formados por pessoas que ainda não criam ou não eram cristãs (embora a maioria, senão a totalidade fosse já batizada dentro do regime de cristandade medieval), estes dois cultos com suas respectivas liturgias não foram vistos por Lutero como programações que permitissem a prática dessa dimensão do relacionamento entre cristãos. Já o culto em casas, considerado o público específico, permitiria a prática de tal disciplina fraterna, e inclusive, em casos de necessidade, a exclusão ou excomunhão de pessoas desse grupo, que por conta de uma prática devida contraditória com a fé (Lutero: “não se comportam de modo cristão”), eventualmente não aceitaram tentativas de repreensão ou correção. O culto na casa é, entre suas muitas finalidades, um lugar de disciplina fraterna, visando a melhoria e a correção de comportamentos, quando esses não são cristãos. O objetivo final era para Lutero, como também já o texto de Mateus indica, a correção, a mudança de atitude e o reestabelecimento da comunhão. No entanto, como igualmente evidente em Mateus 18, lá onde persistia uma atitude de não reconhecimento e não aceitação da **correção fraterna, tal irmão ou irmã** acabava

³⁵ Somos lembrados do conceito moderno de uma igreja missional, que é aquela que se entende como uma “comunhão em missão”. Cf. BUTZKE, Paulo. De onde vem essa conversa de “igreja missional”? In: **Revista OrientAção**. São Bento do Sul, n. 7, jan.-jun. 2017, p. 7-10. Todos os aportes desta edição da Revista OrientAção estão voltados para a explicitação dos diferentes aspectos que fazem parte da compreensão contemporânea de uma igreja missional enquanto “comunhão em missão”.

por colocar-se, na prática, fora da comunhão cristã, exigindo a formalização e a prática da excomunhão, sempre com vistas a um futuro arrependimento e reintegração na comunidade, e não com a intenção de manter a pessoa excluída. O culto nas casas torna-se, assim, o encontro da comunidade em que os limites visíveis da igreja se tornam, nesses casos, perceptíveis.

2.8 Uma única igreja evangélica, formada de várias comunidades e grupos

O conjunto do que Lutero aborda em seu Prefácio sobre as três formas de culto revela uma visão de comunidade cristã local em que, dada a diversidade de públicos incidente num contexto ou cidade, dada a existência de pessoas ainda não cristãs participando, bem como de pessoas já cristãs por convicção e prática, as diversas formas de culto se complementam e se frutificam mutuamente, evitando-se ou minimizando-se tanto o perigo de sectarismo, quanto otimizando-se a intencionalidade missionária do conjunto. Tal observação é altamente relevante sob o ponto de vista tanto eclesiológico, quanto missiológico. Percebe-se a visão de uma única igreja, composta de diversas comunidades e, por sua vez, de comunidades locais compostas por diferentes grupos de pessoas, com diferentes perfis sociológicos e diferentes densidades de presença de cristãos com prática explícita e convicta de fé e serviço. A ideia de Lutero, expressa com a terceira forma de culto, é a de que a comunidade possua um grupo ou núcleo de cristãos sinceros, já convencidos pelo evangelho, apto e também disposto a deixar-se enviar e a atuar junto aos demais grupos e junto a pessoas não cristãs, dentro da perspectiva do sacerdócio geral de todos os crentes, bem como dentro do horizonte de At 2.42, vislumbrado por Lutero³⁶: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações”.

2.9 Rejeição ao eticismo eclesiológico e cuidado pastoral – Possibilidades e limites da implantação de inovações na igreja cristã

Após descrever de forma profundamente bíblica e, ao mesmo tempo, visionária e inovadora à época como ele imaginava que deveria ser um culto em casas, Lutero logo constata em tom sóbrio e um tanto resignado: “Entretanto,

³⁶ Cf. BLOHM, 1992, p. 28.

ainda não posso nem quero regulamentar ou instituir semelhante comunidade ou reunião, pois para tal ainda não disponho das pessoas, nem tampouco vejo muitos que o desejassem”. Ao que parece, os públicos-alvo de Lutero estavam satisfeitos com os cultos em latim e alemão, que já representavam uma enorme inovação litúrgica e teológica na época, e não viam necessidade de maior aprofundamento na fé, ou da prática da fé. Ainda assim, após tal constatação um tanto resignada, Lutero também manifesta sua esperança: “Porém, se for necessário e eu for desafiado a ponto de não poder deixar de fazê-lo de sã consciência, farei a minha parte com o maior prazer, contribuindo com o que estiver ao meu alcance”. Pelo visto, os cultos nas casas representavam um profundo desejo e até um forte anseio de Lutero, pelo qual gostaria de se empenhar muito se houvesse oportunidade. Enquanto o momento não surgisse, Lutero manteria apenas as duas primeiras formas – o que de fato ocorreu até a sua morte. Lutero não implantou em tempos de vida a terceira forma do culto, a despeito de sua intuição visionária: “Enquanto isso, limitar-me-ei às duas formas mencionadas e ajudarei a promover, ao lado da pregação, esse culto aberto para o povo, para exercitar a juventude e chamar e estimular as pessoas à fé, **até que os cristãos que sinceramente amam a Palavra se encontrem e se motivem entre si, para que a coisa não vire um grupo sectário se eu o fizer de minha própria cabeça.**”

Pode-se perguntar: se Lutero estava tão convencido de que a terceira forma era a “autêntica ordem evangélica”, por que ele simplesmente não a “implantou”? A resposta está no próprio texto, e também possui relevância eclesiológica e cibernético-pastoral. Para ele, *o desejo precisa necessariamente partir das pessoas que tem o anseio e percebem a necessidade de aprofundar a sua fé*. Como as reformas na cristandade de seus dias eram em boa medida apoiadas e algumas até mesmo introduzidas pelos Príncipes da época, pela via política, de cima para baixo, não sem certa coerção, Lutero via a necessidade pastoral de dar tempo para que primeiro surgisse o anseio, o desejo e a motivação correta por maior aprofundamento da fé entre as próprias pessoas – de baixo, da base, portanto. Tal conscientização ainda não estava dada em 1526³⁷ e, como já afirmado, aos olhos de Lutero não se deu até sua morte. Seja como for, resta evidente que a imposição – de cima para baixo – não era vista por Lutero como sendo a via correta, coerente com a liberdade evangélica e o espírito do próprio evangelho, de introduzir esse

³⁷ Cf. BLOHM, 1992, p. 19ss.

modelo da terceira forma de culto nas casas, tampouco reformas de qualquer tipo na igreja cristã. Fica evidente também o quanto Lutero se refreia em suas visões e ímpetos, impõe sobre si próprio uma forte autolimitação, e suprime suas próprias visões e desejos de mudanças em detrimento do aguarado do momento certo, em que tais mudanças não decorrerão de uma imposição de cima para baixo, mas de anseios e convicções de baixo para cima, i. e., da base – uma contribuição de muita relevância em todos os sentidos para o Protestantismo e o cristianismo da atualidade.

Além disso, todos seus grandes escritos sobre as reformas do culto atestam que, de forma geral, Lutero temia impor mudanças na comunidade ou nas programações à força ou à violência, mantendo uma postura muito cuidadosa e pastoral quanto a isso:

[...] nada empreendi por violência nem por força, nem transformei as coisas antigas em novas. Sempre fui cauteloso e tímido. Isso não somente por amor aos fracos na fé, dos quais não se podia tirar de repente costumes tão antigos e inveterados, nem impor uma forma de culto tão nova e estranha.³⁸

Numa área em que para ele a liberdade cristã, que provém do evangelho, deve imperar, não se deve introduzir ou forçar mudanças e inovações pela força da lei ou da autoridade eclesiástica, o que redundaria num forte *legalismo* ou *eticismo eclesiológico* (pressão impositiva de que mudanças devem a todo custo ocorrer numa igreja), gerando ao final, na maioria das situações, mais prejuízos do que avanços no trabalho de uma comunidade. Vale lembrar que é um posição unânime de Lutero em seus três grandes escritos sobre as reformas no culto, que em questões do culto e sua ordem, de um lado, preservado o amor às pessoas, há realmente *liberdade* para realizar mudanças e reformas na igreja, mas que, por outro lado, se devem evitar os extremos legalistas e as imposições que forcem mudanças. Nesses escritos, ele distingue constantemente entre fortes (pessoas de consciência menos sensível a mudanças) e fracos (pessoas de consciência mais sensível) na fé e, inspirado em 1 Co 8.9, toma com firmeza o amor à consciência dos mais fracos como referência para o tempo e a forma das mudanças. Sobre as suas reformas na compreensão e na liturgia da santa ceia, ele afirma, por exemplo:

Em tudo isso é preciso ter cuidado para que não se transforme a liberdade

³⁸ LUTERO, 2000, p. 156.

em lei, ou que se considerem pecadoras as pessoas que procedem de outro modo, ou omitem algo, exceto que se preservem em sua integridade as palavras da instituição [da santa ceia] e que o façam com fé. Pois esses ritos devem destinar-se aos cristãos, aos filhos da [mulher] livre, que os observam espontaneamente e de coração, podendo mudá-los tantas vezes e como quiserem. Por essa razão não é o caso de alguém exigir ou estabelecer como lei qualquer forma compulsória nessa questão, para enredar e torturar as consciências. [...] E mesmo que tivessem sancionado alguma lei nesse assunto, ela não precisaria ser observada, porque essas coisas não podem nem devem ficar presas a leis. Além disso, mesmo que diferentes pessoas usem um rito diferente, um não deve julgar ou desprezar o outro e, sim, cada qual esteja firme em sua compreensão. [...] Aceitemos os ritos um do outro, para não acontecer que, por causa da diversidade dos ritos, resultem crenças ou seitas diversas, como aconteceu na Igreja romana. Porque ritos exteriores, ainda que não possamos dispensá-los, [...] ***não nos recomendam a Deus*** [...] Assim o Reino de Deus não consiste em qualquer rito, mas em fé dentro de vós, etc.³⁹

Liberdade evangélica não é nem libertinagem e nem legalismo. Lutero criou mais de uma ordem de culto evangélica, nas quais aboliu boa parte dos elementos litúrgicos da missa romana que não considerava adequados ou teologicamente problemáticos, mas não fez de seus próprios formulários uma lei. Algo similar Lutero afirma sobre as vestes litúrgicas da época, que ele continuou usando por entender que, naquele momento, para seu público, seria o que melhor promoveria uma comunicação desimpedida do evangelho: “Permitimos seu livre uso, desde que não haja pompa e luxo. Não és mais aceitável pelo fato de celebrares em vestes [sacerdotais], nem és menos aceitável pelo fato de celebrares sem elas, pois também as vestes não tornam a ninguém recomendável a Deus”⁴⁰.

De forma geral, Lutero mostra que a “ordem é algo exterior” e lembra que “todas as normas devem ser usadas de tal maneira que, quando se transformarem em abuso, sejam imediatamente abolidas, e se façam outras”, pois as “normas devem servir para a promoção da fé e do amor, não em detrimento da fé”⁴¹. Ainda assim, ele propõe que cada cidade e microrregião tente encontrar uma forma unânime de culto, para evitar que excessiva diversidade confunda as pessoas⁴².

Por fim, Lutero também temia criar divisões e segregações desnecessárias numa igreja, entre os que desejam assumir a fé de modo consciente e intencional,

³⁹ LUTERO, 2000, p. 165; cf. outros aspectos em SCHWAMBACH, 2010, p. 155ss.

⁴⁰ LUTERO, 2000, p. 166.

⁴¹ LUTERO, 2000, p. 2015.

⁴² LUTERO, 2000, p. 175.

que participam em programações nas casas e os demais participantes – ainda a serem conquistados para a fé e até evangelizados –, vendo inclusive o risco de quem participa nas casas acabar se isolando do restante de forma sectária. Fazia parte da compreensão de Lutero que igreja deve ser igreja para todos, e não só para grupos especiais – razão pela qual ele percebia certo perigo ou tendência de sectarismo dos que são os “verdadeiramente crentes”, dado na terceira forma.

2.10 A cultura local como fator de influência na sociologia e no planejamento da igreja

Um último aspecto registrado por Lutero é a influência da cultura local sobre a composição dos membros e participantes da igreja, e sobre sua adesão ou não a convites que visam uma integração ativa nas programações e na vida da igreja: “Pois nós alemães somos um povo selvagem, bruto e desvairado, difícil de se lidar, a não ser em caso de extrema necessidade”. Marcas da cultura local das pessoas fazem-se diretamente perceptíveis, tanto na composição cultural dos públicos-alvo, quanto no planejamento da vida e das programações da comunidade. A cultura local com suas peculiaridades pode tanto favorecer, quanto desfavorecer essas coisas – no caso de Lutero, a cultura local foi um fator limitador de mudanças. A atitude do povo local não só freou, mas acabou, em última análise, impedindo mudanças e reformas.

Assim Lutero conclui suas reflexões sobre a terceira forma do culto. A rigor, não se encontram em Lutero outras menções diretas à terceira forma, salvo uma e outra alusão indireta em pregações, que só reforçam o que ele escreveu aqui: “Parece que com a proposição da ‘terceira forma’, ele tenha chegado a um desfecho de todos os seus esforços de edificar igrejas e comunidades, o qual ele mesmo, no entanto, ainda não pode realizar em seu tempo”⁴³.

3 SÍNTESE DA COMPREENSÃO DE LUTERO

As contribuições de Lutero para uma concepção eclesiológica que abre espaço para múltiplos grupos, inclusive caseiros, se desenvolverem dentro de uma

⁴³ Assim a conclusão de BLOHM, 1992, p. 30.

comunidade enquanto parte de uma igreja, podem ser sintetizadas da seguinte forma, sendo que Blohm o formulou muito bem:

1. As reuniões ‘não deveria[m] acontecer em praça pública, em meio a toda sorte de pessoas’. Em pequenos círculos ou grupos, que se encontram adicionalmente às programações usuais da igreja, a comunidade de Jesus Cristo deve se reunir. Mas não nos espaços da igreja, mas em outros locais adequados para essa finalidade, como por exemplo em casas particulares.
2. Os participantes são ‘aqueles que querem ser cristãos sinceramente e confessam o Evangelho em palavra e ações’. Requer-se para a participação que esteja seriamente empenhada em ter uma convicção acerca da fé cristã e uma conduta de vida condizente com esta.
3. Os membros da comunidade não podem nem devem ser forçados a participar desse tipo de encontros, mas é preciso que ‘se encontrem e se motivem entre si’, i. e., que optem voluntariamente por participar de tal grupo.
4. A participação é, **para esses** que optaram por isso, um compromisso. Os participantes ‘deveriam inscrever-se nominalmente e [...] praticar outras obras cristãs’.
5. Conteúdo e finalidade das reuniões é um constante aprofundamento e exercício na fé, a celebração dos sacramentos e o exercício do amor cristão ao próximo. Eles tinham que ‘reunir-se em separado numa casa qualquer para orar, ler, batizar, receber o Sacramento e praticar outras obras cristãs’.
6. Os membros não se encontram nos lugares usuais das reuniões da igreja, mas em um espaço privativo, em casas. [...] Com essa limitação do espaço estava certamente ligada também a limitação numérica do número de participantes em cada reunião, pois praticamente não há um espaço ilimitado em uma casa.
7. A dimensão caritativa-diaconal mostra-se através do comprometimento em ações de coleta [de bens e produtos destinados à outros] e em auxílios práticos: ‘Ali também se poderia exigir dos cristãos uma esmola comum, ofertada voluntariamente e distribuída entre os pobres, segundo o exemplo de S. Paulo em 1 Co 9.’
8. A dimensão catequética deve ser realizada através do ensinar e do aprender das declarações cristãs centrais, tais quais estas se encontram no credo, no Pai Nosso e nos dez mandamentos: ‘Seria necessário um bom catecismo abreviado sobre o Credo, os Dez Mandamentos e o Pai nosso.’
9. Para Lutero a dimensão missionária é essencial. Isso é para esses ‘que sinceramente querem ser cristãos’ um anseio constante, a fim de que outros ‘se tornem acostumados, aptos, animados e versados nas Escrituras, defendam a sua fé e tomem tempo para ensinar outros com tempo e auxiliem a aumentar o reino de Cristo’. Em outras palavras. Uma fé fortalecida e solidificada é capacitada e chamada à transmissão [da fé a outros].
10. Para essas reuniões Lutero prevê, seguindo o modelo da igreja primitiva, o instrumento da disciplina comunitária: ‘Dentro desta ordem poder-se-ia reconhecer os que não se comportam de modo cristão, repreender, corrigir,

expulsar ou excomungá-los segundo a regra de Cristo Mt 18[.15-17].’ A ênfase está na melhoria de vida do indivíduo, não no castigo, nem mesmo na exclusão da comunhão.

11. Através da admissão totalmente natural da celebração dos sacramentos, de ‘celebrar o Batismo e o Sacramento [do altar]’, essas reuniões que ocorrem conforme a terceira forma adquirem caráter eclesiológico pleno⁴⁴.

Através de todos esses passos, Lutero contribui para concentrar a existência e a subsistência da comunidade nos aspectos centrais da fé e da vida cristãs, fazendo com que se concentre em um intensivo relacionamento com Deus e com os irmãos e irmãs na fé. Se o culto medieval (*missa romana*) havia mostrado haver uma sobrecarga litúrgica sobre as pessoas, que levou Lutero em seu culto em latim e em seu culto em alemão a adaptar e simplificar a liturgia, suprimindo tudo o que não era essencial, agora, através da terceira forma, Lutero empenha-se por promover um cristianismo com formas externas mais simples, dentro das quais as pessoas possam vivenciar e experimentar com mais intensidade a fé e a mensagem cristãs.

4 RELEVÂNCIA CONTEMPORÂNEA – BREVES APONTAMENTOS

Já a forte recepção que a terceira forma do culto como uma reunião que ocorre em casas teve ao longo dos últimos 500 anos de história do Protestantismo⁴⁵, e em especial da segunda metade do século XX até hoje, mostra que as visões de Lutero têm sido alvo de forte interesse por parte de teólogos, sejam biblistas, sistemáticos, e acima de tudo, teólogos práticos. Dentre as principais contribuições que a visão do Reformador poderia legar para a atualidade, em especial para o âmbito da teologia prática, destaquem-se, ao nosso ver, as seguintes – na forma de breves apontamentos –, considerando-se nosso contexto pós-moderno:

1) O conjunto do que Lutero aborda em seu Prefácio sobre as três formas de culto em sua sinergia revela uma visão de comunidade cristã local *policêntrica* em que, dada a diversidade de públicos incidente num contexto ou cidade, dada a existência de pessoas ainda não cristãs participando, e dada a existência de um grupo de cristãos já convictos e ativos, *as diversas formas de culto ou*

⁴⁴ BLOHM, 1992, p. 29s [trad.: CS].

⁴⁵ Cf. BLOHM, 1992, p. 31-84.

programações se complementam e se frutificam mutuamente, evitando-se ou minimizando-se tanto o perigo de sectarismo dos já crentes, quanto otimizando-se a intencionalidade e eficácia missionária do conjunto.

2) A ideia central da terceira forma de culto é ciberneticamente relevante e até hoje relevante e atual. A saber, que a comunidade possua um grupo de cristãos sinceros, já convencidos pelo evangelho, apto e também disposto a deixar-se enviar e a atuar de forma diaconal-caritativa, catequética e missionária junto aos demais grupos e junto a pessoas não cristãs, dentro da perspectiva do sacerdócio geral de todos os crentes. Teorias de edificação e revitalização de comunidades possuem nessa proposta do Reformador uma sólida referência, e que inclusive remete à práxis da Igreja Antiga.

3) Há uma série de vantagens sociológicas que o convívio em casas proporciona, principalmente em tempos pós-modernos: pessoas se conhecem; a casa permite que a confiança mútua se desenvolva; informalidade e privacidade etc. Casas são espaços privilegiados para a encarnação, a contextualização ou a enculturação do ser igreja no mundo.

4) Eclesiologicamente falando, a casa está apta a abrigar dois polos do ser igreja: a qualidade da comunhão pode proporcionar tanto a integração de pessoas de fora do grupo, quanto um aprofundamento nos relacionamentos dos que fazem parte do grupo. A “casa” é favorável tanto à missão, quanto à comunhão, servindo de elo de ligação missionário entre a igreja e a sociedade. A casa pode favorecer tanto a dimensão poimênica e da disciplina fraterna entre os cristãos, quanto a articulação da fé de forma informal junto a não-cristãos. De um lado, a casa faz indubitavelmente parte da igreja cristã e se constitui em uma forma de a igreja se reunir. E de outro lado, ela é, simultaneamente, uma grandeza *extra murus ecclesiae*, conectada com a sociedade secular, com imensas possibilidades de atuação para dentro desta. Tanto a *concentração* da comunhão e da catequese, quanto a *abertura* para a missão e a diaconia, encontram na “casa” um tempo e um espaço comuns. Tanto o fortalecimento da fé entre os cristãos, quanto o testemunho da fé junto a não cristãos pode ser promovido.

5) As propostas de Lutero para os grupos reunidos em residência, se tomadas no conjunto, apontam para as características de um grupo saudável dentro de uma igreja cristã: elevado grau de comprometimento e participação, confiança, apoio mútuo, disciplina fraterna entre irmãos e irmãs, possibilidade de poimênica, atuação missionária e diaconal, comunhão sob palavra e sacramentos, cooperação

mútua na missão de Deus, abertura para o mundo.

REFERÊNCIAS

- BLOHM, Johannes. **“Die Dritte Weise”**. Zur Zellenbildung in der Gemeinde. Betrachtungen und Überlegungen zur Hausarbeit unter Zugrundelegung einer empirischen Erhebung. Stuttgart: Calwer Verlag, 1992.
- BUTZKE, Paulo. De onde vem essa conversa de “igreja missional”? In: **Revista Orientação**. São Bento do Sul, n. 7, jan.-jun. 2017, p. 7-10.
- FISCHER, Gerson J. Sacerdócio Universal dos Cristãos e ministério da Igreja. Apreciações balizadas na teologia de Martinho Lutero. In: **Vox Scripturae** - Revista Teológica Internacional. São Bento do Sul, vol. 26, n. 1, jan-abr 2018, p. 31-75.
- LUTERO, Martinho. Formulário da Missa e da Comunhão para a Igreja de Wittenberg – 1523. In: LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas**. Vol. 7. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia 2000, p. 155-172.
- _____. Missa Alemã e Ordem do Culto – 1526. In: LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas**. Vol. 7. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia 2000, p. 173-205.
- _____. À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão. In: LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas**. Vol. 2: O programa da Reforma. Escritos de 1520. São Leopoldo; Porto Alegre: Sinodal; Concórdia, 1989.
- SCHWAMBACH, Claus. As reformas do culto realizadas por M. Lutero. Análise das fontes e abordagem crítica dos posicionamentos da pesquisa litúrgica recente. In: **Vox Scripturae** – Revista Teológica Internacional. São Bento do Sul, vol. XVII, n. 2, out./2010, p. 138-206. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/5%20-%20VS%20XVIII-2%20[txt%20-%2004].pdf>. Acesso em: 10 mar. 2018.
- _____; SPEHR, Christopher (Eds.). **Reforma e Igreja**. Estudos sobre a eclesiologia da Reforma na história e na atualidade. São Bento do Sul: União Cristã; FLT, 2015
- SPEHR, Christopher. O culto na concepção de Martinho Lutero. In: **Vox Scripturae** – Revista Teológica Internacional. São Bento do Sul, vol. XXII, n. 2, jul./2014, p. 31-61. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/3%20-%20VS%20XXII-2%20[txt%20-%2002].pdf>. Acesso em: 10 mar. 2018.
- STUHLMACHER, Peter. **Der Brief an Philemon**. (EKK vol. 28). Zürich; Einsiedeln; Köln; Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1981.
- WEIGAND, P. “oikia” und “oikos”. In: BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard (Eds.). **Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament**. Vol. 2. Stuttgart; Berlin; Köln; Mainz: Kohlhammer, 1981, col. 1210ss e 1222ss.